

NECKEL, Laís Cabral. “Do medo ao muro: segurança e estratégias de proteção na constituição de sociabilidades intramuros”. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 227-240, abril de 2020 ISSN 1676 8965.

ARTIGOS

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Do medo ao muro: segurança e estratégias de proteção na constituição de sociabilidades intramuros*

From fear to the wall: security and protection strategies in the creation of intramural sociability

Laís Cabral Neckel

Recebido: 19.12.2019

Aceito: 26.02.2020

Resumo: Este trabalho pretende analisar como são construídos e articulados os discursos sobre estratégias de segurança e proteção voltados ao público residente em condomínios residenciais fechados por meio da análise de cinco matérias publicadas na *Revista Síndico*. Por meio das contribuições de Mauro Koury (2002) e Cornelia Eckert (2002) sobre medos enquanto constituinte principal ao direcionamento e organização das relações, assim como por meio das contribuições de Gilberto Velho (1978, 1981) Georg Simmel (2006), busca-se defender a argumentação teórica da análise apresentada. **Palavras-chave:** medos urbanos, segurança, proteção

Abstract: This work intends to analyze how the speeches about security and protection strategies aimed at the public residing in closed residential condominiums are constructed and articulated through the analysis of five articles published in *Revista Síndico*. Through the contributions of Mauro Koury (2002) and Cornelia Eckert (2002) on fears as the main constituent for directing and organizing relationships, as well as through the contributions of Gilberto Velho (1978, 1981) Georg Simmel (2006), defend the theoretical argument of the analysis presented. **Keyword:** urban fears, security, protection

Introdução

A Revista Síndico é uma publicação da APSA - Viver bem em propriedades urbanas, uma empresa de gestão condominial e de negócios imobiliários do Brasil, criada há 85 anos, presente nas cidades de Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Maceió, Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Na área da administração de imóveis “oferecemos facilidade e vantagens para clientes que querem agilidade e segurança no aluguel, na compra ou venda de imóveis. Nosso comprometimento é estar ao seu lado, facilitando sua vida e oferecendo produtos e serviços com excelência” (APSA, 2019). A revista foi

*Artigo originalmente construído como trabalho final para a disciplina Antropologia das Emoções, ministrada pelo Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, no período 2019.1

criada em 1978, se apresentando atualmente como um dos mais importantes veículos jornalísticos do setor imobiliário. Tem com objetivo principal “levar informações úteis e relevantes ao síndico, tornando-se um aliado direto para a sua gestão dentro do condomínio” (REVISTA SÍNDICO, 2019). A estrutura editorial é composta por oito pessoas, as quais definem os princípios editoriais da seguinte forma:

Estrutura editorial diversificada, prática, clara e extremamente informativa, tendo como foco central a vida em condomínio, através do estabelecimento de colunas trazendo à tona temas ligados à legislação, artigos técnicos, perfis de síndicos, decoração, paisagismo, entrevistas, cases, mercado imobiliário de uma forma geral, além de novidades em produtos e serviços relacionados à sua área de abrangência. (Revista Síndico, 2019)

A maneira com a qual se apresentam é de interesse para este momento do trabalho, considerando a defesa de um direcionamento discursivo de interesses específicos direcionado a uma sociabilidade também específica, a de uma ‘vida em condomínio’. Por meio desta apresentação podemos perceber o direcionamento dos temas tratados pela revista como forma de construção de um público-alvo delimitado, sendo estes temas de abrangência tidos como centrais na sociabilidade estabelecida para as relações dessa vida intramuros. Percebe-se também que o discurso referente aos temas de medo, segurança e estratégias de proteção não se apresentam de forma a conter uma citação direta. Os medos urbanos se apresentam, nesse caso, enquanto um dos princípios organizativo dessa sociabilidade em questão, entretanto são pertencentes ao contexto externo, sendo estas problemáticas a ser tratada pelo princípio do acesso ou não desse público externo, adjetivados enquanto perigosos. Pertence, assim, a revista o papel da promoção de discursos organizativos harmônicos de caráter interno. Os discursos de interesse de segurança e estratégias de proteção se apresentam indiretamente por meio dos temas relacionados aos acessos, como as novas tecnologias de reconhecimento dos moradores e demais e também aos temas relacionados aos porteiros enquanto meio para esse acesso. Sendo assim, os temas sobre legislação, artigos técnicos e novidades em produtos e serviços são exemplos de espaços de tratamento dos discursos que aqui nos interessa. Por meio da análise dos discursos sobre medo e segurança por meio de estratégias de proteção as quais trazem a revista, objetiva-se apontar as discussões pautadas sobre as noções de medos urbanos para compreender como estes medos servem como base a constituição da divisão social do espaço no que diz respeito a construção de uma realidade social intramuros. Para tal, serão analisadas as seguintes matérias disponíveis no site da Revista Síndico, sendo estas: **1)** *“Um trabalho que vai muito além da portaria”* escrito por Mario Camelo em 10 de setembro de 2012 na Edição 204; **2)** *“Portarias Virtuais”*, escrito por Aline Durães e publicado em 18 de novembro de 2018 na Edição 241; **3)** *“Como lidar com as entregas no condomínio?”* escrito por Juliana Marques e publicado em 24 de janeiro de 2019 na Edição 243 **4)** *“Controle de acesso por biometria”*, escrito por Juliana Marques e publicado em 23 de maio de 2019 na Edição 244 e **5)** *“Muito além do cara, crachá”* escrito por Gabriel Menezes e publicado também publicado nesta última edição.

Sobre Medo: Inseguranças e Problemáticas Urbanas

Por meio das discussões sobre cultura emotiva e sociabilidades, busca-se aqui abordar, em um primeiro momento, as noções sobre medo e sua construção e significação social, assim como a busca por estratégias de proteção por meio da constituição de sociabilidades intramuros, noções norteadores das discussões e análises

a serem desenvolvidas. Dois autores se apresentam enquanto referência para esse momento, Mauro Koury (2002) e Cornelia Eckert (2002), os quais, ao abordarem as problemáticas urbanas, buscam por desenvolver os entendimentos sobre medo por meio das interações/relações sociais como princípios organizativos centrais da vida social.

O fenômeno do medo se coloca como fundamental para se pensar em instrumentos de ordem e desordem que desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação. Processos estes que compreendem um jogo permanente de manutenção, conformação e transformação de ensaios sociais e individuais realizados sempre enquanto redes de conflito que informam e formulam um social em um tempo e em um espaço determinado. (KOURY, 2002, p.9)

O medo assim opera enquanto um dos mecanismos de gestão e de construção de sociabilidades determinadas, sendo o entendimento do outro fundamento para a formação societária. Segundo Eckert (2002):

Trata-se aqui de se conceituar o medo como valor. Toma-se a noção de medo como contendo qualidades simbólicas, como um "valor" que funda a oposição hierárquica, segundo Louis Dumont, em nome do qual se realiza o processo de englobamento das idéias relacionais que amalgama a idéia de cultura como sistema simbólico e de sociedade como atualização de uma nova ordem social. Neste, a apreensão e a interpretação que os sujeitos fazem da realidade vivida é a abstração ou a classificação de uma ordem simbólica do mundo, mas também construção de uma inserção social onde se deve deter os diferentes níveis de interação cultural no seio da sociedade dominante. Isso implica dizer que esta inserção encontra-se colada a "situações" que combinam os valores e dão sentido às práticas sociais, imprimindo lógica e sentido à vida. Dimensiona-se, assim, a partir de uma situação de crise social associada aos sentimentos de medo expressos no viver no contexto contemporâneo de violência urbana, a reflexão sobre a construção do individualismo no processo sócio-histórico moderno (p.22 e 23).

Compreender o medo como valor que contém carga simbólica na construção de oposições, como argumenta a autora, nos faz refletir sobre a construção de individualismos ao longo do processo histórico também enquanto construção de proximidades que compartilham de um imaginário sobre as inseguranças surgidas nas diferentes estruturas hierárquicas da vida cotidiana. A argumentação que se pretende construir pauta-se no entendimento fundante da constituição de uma sociabilidade intramuros por meio da caracterização de um próximo semelhante e confiável em oposição ao outro não-semelhante, o qual se encontra ao lado de fora dos muros delimitados. Assim como Koury (2002) pontua:

Uma análise sociológica e antropológica compreensiva sobre o medo como fundamento da construção e constituição societária, deste modo, tem que se interrogar, metodologicamente e teoricamente, sobre como se elaboram as bases para o estabelecimento e falsidade em um social dado. Tem que examinar também, os termos práticos e simbólicos onde estão e em que são assentados estes códigos nas configurações socialmente expressas em uma comunidade determinada (p.9)

Pretende-se compreender, desta forma, os mecanismos discursivos direcionados aos moradores internos, que reforçam a posição destes enquanto membros, sobre o outro da relação, os externos, enquanto o dessemelhante, o desconhecido, o incerto e

por sua vez sujeito que suscita a insegurança no local. Por meio do medo, a insegurança se faz enquanto determinante social do convívio urbano, sendo uma noção cada vez mais compartilhada (ECKERT, 2002). A insegurança, por sua vez, faz com que os sujeitos tomem atitudes paliativas por meio de construção de regimentos de conduta, tornando assim instrumento de constituição de sociabilidades outras através de cercamentos e distanciamentos. Os cercamentos se direcionam a aqueles que compartilham de códigos e capitais determinados, comuns a classe em questão, e os distanciamentos se direcionam basicamente aos alheios a esses códigos e capitais, sendo estes passíveis de desconfiança pela outra parte da relação.

Muro e Divisão Social: A Construção de Sociabilidades Intramuros

Nesse segundo momento busca-se o tratamento das discussões sobre a construção de sociabilidades intramuros considerando esta uma mudança de projeto motivada, sobretudo, pelo medo e suas construções no entorno social, levando assim a implicações diversas. No que diz respeito a uma sociabilidade intramuros, para a interação na construção de uma unidade na determinação deste tipo de sociabilidade enquanto caminho possível de organização, Simmel em “A sociabilidade - exemplos de sociologia pura ou formal” (2006) acentua a estrutura democrática da sociabilidade, e que esta tende a ser praticada no interior de um estrato social, considerando a contraditória e caótica forma de uma possível sociabilidade entre membros de diferentes estratos sociais. Entretanto, “esse mundo da sociabilidade, o único em que é possível haver uma democracia sem atritos entre iguais, é um mundo artificial...” (SIMMEL, 2006, p.70), Essa igualdade seria o resultado de um *jogo de cena*, como acentua Simmel, onde os indivíduos buscam a eliminação do que a sociação determina enquanto seu material, sendo necessária o despir-se desta determinação no sentido da permanência da condição de sociabilidade. Este jogo, porém, não deixa de ser real, sendo este produto de seu contexto.

Certamente é da essência da sociabilidade eliminar a realidade das interações concretas entre seres humanos e erigir um reino no ar de acordo com as leis formais dessas relações que se movimentam em si mesmas, sem reconhecer nenhuma finalidade que esteja fora delas. No entanto, a fonte subterrânea na qual esse reino se alimenta não deve ser procurada naquelas formas que determinam a si mesmas, mas na vivacidade dos indivíduos reais, em seus sentimentos e atrações, na plenitude de seus impulsos e convicções. (SIMMEL, 2006, p.80)

Considera-se, deste modo, o medo enquanto essa fonte de alimento na constituição de uma sociabilidade intramuros, este alimentado pelos indivíduos reais, pelos sentimentos e, nesse caso, tanto pelas atrações de uma vida de condomínio na ostentação de um status social, assim como pela repulsa de um contexto de violência e até mesmo na afirmação de uma segregação do considerado diferente e até mesmo inferiorizado. Sendo assim o medo resultado da construção do imaginário, pautando fundamentais relações na compreensão da constituição societária (KOURY, 2002), podemos dizer que se constrói nos espaços urbanos nos tempos atuais por meio de uma crise de violência, principalmente após os processos de crescimentos de grandes cidades, resultado de variadas situações e problemáticas sociais. Não buscamos aqui discutir o fundamento nem a discussões histórico-sociais sobre a construção dos discursos e imaginários sobre a violência em grandes cidades urbanas, mas sim a forma com a qual o medo enquanto imaginário social se configura por meio de códigos e significados os quais são moldados pelo entorno contextual dos sujeitos. Considerando a configuração de sociedades hierarquizadas, Gilberto Velho (1978) ao referenciar Da

Matta (1974) na discussão sobre a constituição de estereótipos, pré determinando posições e lugar no imaginário social de indivíduos outros por meio de uma hierarquia organizada, defende que onde cada categoria social tem seu lugar no mapa hierárquico de uma sociedade estratificada. Acrescenta:

Eu acrescentaria que a dimensão do poder e da dominação é fundamental para a construção dessa hierarquia e desse mapa. A etiqueta, a maneira de dirigir-se as pessoas, as expectativas de resposta, a noção de adequação etc. relacionam-se à distribuição social do poder que é essencialmente desigual em uma sociedade de classes. Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. (VELHO, 1978, p.127)

Desta forma, a hierarquia e a distribuição de poder permitem reproduzir características sociais por meio de categorias amplas, criando assim estereótipos por meio deste mapa referencial. Essa questão de torna interessante para a discussão aqui levantada considerando que a central importância do entendimento e compreensão do outro relacional em uma sociabilidade dada em níveis de confiabilidade e desconfiança no que diz respeito aos medos presente nas sociedades complexas, com foco aqui na crise da violência. Sendo assim, os medos que assombram a uma classe em específico (medo do roubo de patrimônios/pertences e ameaça a suas vidas) baseia-se no entendimento e construção de um imaginário social sobre o outro enquanto perigos em potencial. “Estudos e reportagens constatam que não raro quando se questiona sobre as causas da violência urbana, no imaginário da população urbana a tendência é conceber o "inimigo" na figura genérica do "pobre bandido", o “outro”, que ameaçaria uma irreversibilidade na crise urbana” (ECKERT, 2002). Faz-se necessário acrescentar, juntamente, a formação de uma “cultura do medo”, a qual Eckert menciona por meio da definição de Soares (1996), como “uma certa estrutura simbólica entre representações”. Esta “cultura do medo”, assim, engloba componentes para formação de sua significação, configurando habitantes em vítimas em potencial por meio dos crimes contra patrimônio e contra a pessoa.

Frente a um aumento desmesurado da violência nas grandes cidades, a questão da sobrevivência assumiu aspectos especialmente dramáticos, como sugere Gilberto Velho: “Pode-se especular que essas seriam variáveis importantes para compreender uma espécie de individualismo agonístico que se tornou cada vez mais freqüente nas camadas médias brasileiras” (ECKERT, 2002, p.26)

Cria-se assim, nas camadas de uma classe média em questão, formas de proteção coletiva, as quais para além da proteção, que tem como referência esses medos, buscam-se uma sofisticação desta sociabilidade, os quais a partir de códigos de identificação do outro da relação enquanto o perigo potencial, refinam os mecanismos de proteção em busca de uma sociabilidade intramuros. No caso dos condomínios residenciais podemos perceber a estruturação de uma sociabilidade que acaba por reproduzir espaços urbanos em espaços fechados, seletivos, pertencentes a uma classe social específica, onde os medos acabam se firmando em um medo do outro na figura do “bandido”, o qual, considerando nosso contexto das hierarquias racializadas, se apresenta por meio de estereótipos bem delimitados, onde são medos que “se vuelven prácticas y que se inscriben en lugares particulares de la ciudad, en rostros, en situaciones, en las

temporalidades” (VERGARA, 2017,p.3). Esta camada é capaz de produzir, assim, técnicas de controle dos espaços, por meio de uma divisão social estratificada, em seus novos formatos sociais de organização.

El recorrido temporal nos traslada hacia dinámicas urbanas desde los '70 que provocaron deslocalizaciones y modificaciones en la ubicación de las clases sociales, en el marco de negocios inmobiliarios que cambiaron el relieve urbano de casas a edificios. La transformación urbana de la mano de la especulación inmobiliaria, se combina con otros vectores como las clases sociales o las creencias religiosas en la configuración de los miedos (VERGARA, 2017, p.4)

A construção de projetos sociais por meio de ações motivadas pela insegurança, buscando proteção e segurança, interfere e reformula sociabilidades cotidianas, construindo estratégias sociais para evitar as possibilidades que as tornam em vítimas, motivando mudanças na forma de se posicionarem frente à compreensão de suas vivências cotidianas, envolvendo suas emoções enquanto formulador de seus comportamentos.

A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes "mundos" ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. A possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados, como já foi mencionado- classe social, grupo étnico, grupo de *status*, família, religião, vizinhança, ocupação, partido político etc. A estabilidade e a continuidade desses projetos supra-individuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante - em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita. Pode-se dizer que em uma sociedade complexa moderna coexistem *n* projetos em diferentes graus de desenvolvimento e complexidade, alguns praticamente imperceptíveis, outros explicitados e anunciados. (VELHO, 1981, p.36)

Considerando as discussões e conceitualizações sobre projetos e campos de possibilidades discutidas por Velho (1981), podemos aqui aplicar essas noções na construção de projetos coletivos por meio das mudanças de projetos e constituição de sociabilidades intramuros, entendendo projeto como consciente, planejado e situado, assim como afirma Gilberto Velho, os quais, por sua vez, estão relacionados as emoções. Tendo em vista a discussão central do medo enquanto uma emoção a qual constitui e reformula relações e sociabilidades, sendo estas construções imaginadas e resultado do contexto social, estas se apresentam também enquanto constituintes dos projetos individuais e coletivos.

A Portaria Enquanto Mediadora da Sociabilidade: Proteção e Estratégias de Controle ao Acesso

O Funcionário com Mediador

Uma das principais questões que percebemos presente nos artigos selecionados diz respeito à discussão sobre segurança por meio da portaria, a qual cumpre o papel de uma certa fronteira, considerando sua característica de limite e início de sociabilidades específicas, tendo enquanto fundamento a proteção dos internos no controle da passagem, garantindo a separação, a divisão social, determinando atenção em especial

aos cuidados da passagem autorizada. Como se faz assim a autorização e reconhecimento dos internos, os quais devem lealdade ao sistema posto enquanto forma de conservação dos interesses do grupo? Quais são os termos simbólicos e práticos que estão impressos os códigos que configuram estas sociabilidades?

Códigos estes que fundamentam ou parecem recriar as práticas simbólicas que unem indivíduos, grupos e fundam comunidades, e os elementos de proteção, de confiança e de confissão que alimentam e reforçam uma rede simbólica efetiva, ao mesmo tempo em que constroem os seus membros a um controle acima deles mesmos e sempre renovados enquanto prova de sua lealdade (KOURY, 2002, p.10).

Primeiramente vamos focar na prática da construção de uma relação específica entre limites com a portaria por via dos funcionários, o(a)s porteiro(a)s, os quais representam, orientam e controlam esta fronteira entre o interno e o externo, sendo estes os “portais” da passagem. Se percebe, a princípio, a construção de um discurso imagético de uma relação de controle e construção de proximidade, referente a busca pela demonstração da harmonização interna.

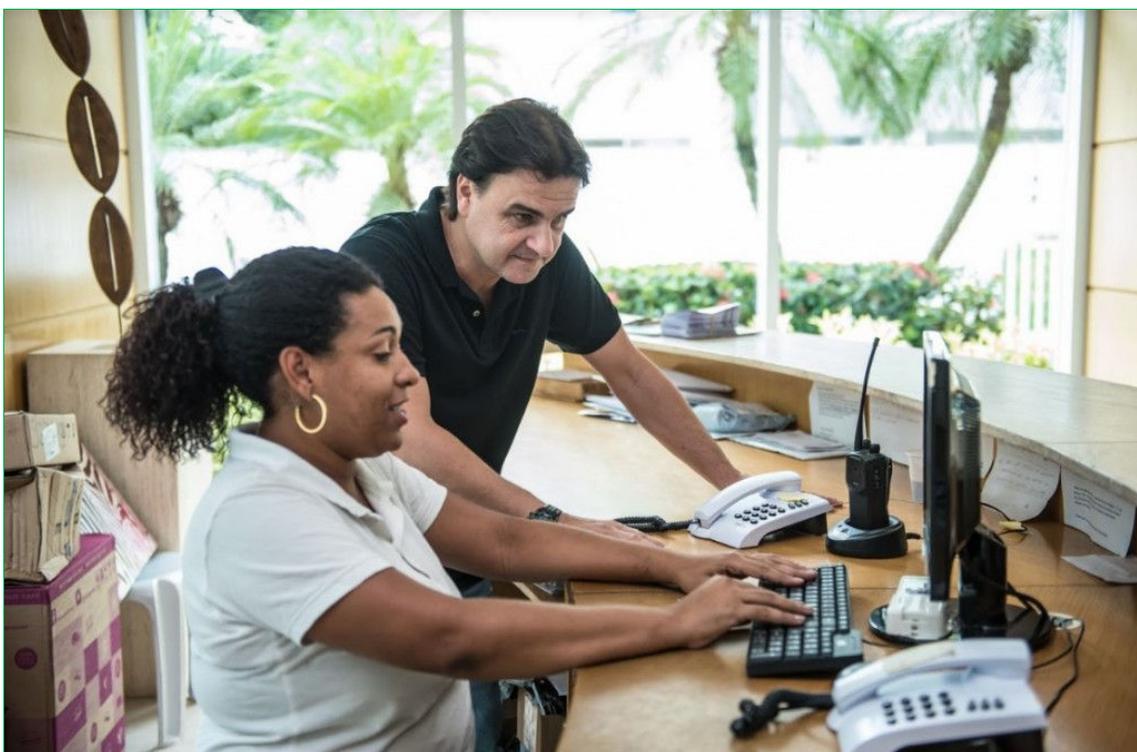


Figura 1 – Esta foto pertence à matéria “Portarias Virtuais - Tudo que você precisa saber sobre o sistema de portaria que promete economizar custos e ampliar a segurança do controle de acesso à sua unidade”.
Fonte: <http://revistasindico.com.br/edicoes/2018/portarias-virtuais/479335>.

Podemos perceber, por meio das figuras e seus respectivos contextos de enunciação, que o funcionário, representando a figura fronteira, se encontra em um princípio relacional de destaque, considerando a construção e reafirmação de uma relação com este que transita entre as sociabilidades, mediando espacialidades. Nas imagens extraídas dos artigos podemos perceber a relação por meio da presença de um monitoramento, como mostra a figura 1, das ações por parte do síndico e/ou morador, na condição de fiscal e/ou aconselhador ou até mesmo por meio de uma relação de proximidade podendo ser lida como amigável, como mostra a figura 2. Percebemos a

relevância do constante contato para com esse importante personagem, o qual se encontram entre realidades e que, muitas das vezes, provém de uma classe social menos favorecida socioeconomicamente, pertencente à realidade externa. A garantia da segurança se faz enquanto central nesse contexto, onde as estratégias de controle se tornam prioritárias, tornando-as cada vez mais precisas e eficazes. Uma das estratégias se apresenta nessa relação entre os sujeitos que realizam esse controle por meio da prestação de um serviço.

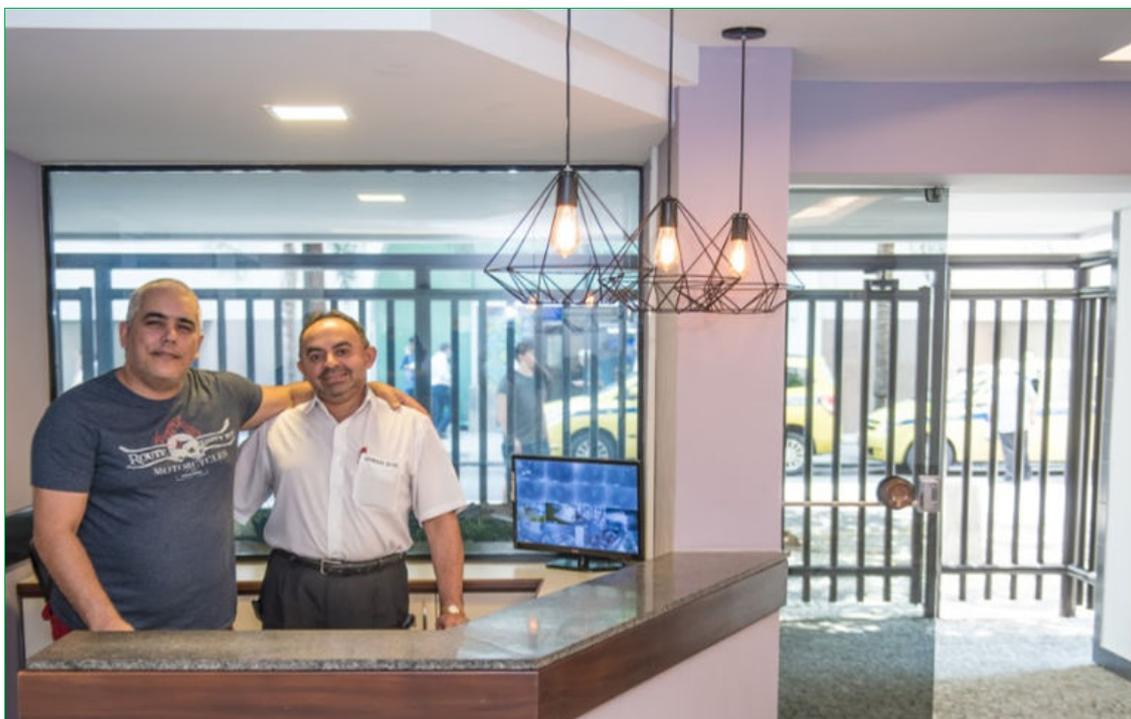


Figura 2 – Esta foto pertence à matéria “Como lidar com as entregas no condomínio? Para garantir a segurança, a recomendação frequente é proibir a entrada de entregadores no condomínio. Mas será que os moradores colaboram de verdade com essa regra?”. Fonte: <http://revistasindico.com.br/colunas/abc/2019/como-lidar-com-as-entregas-no-condominio/479680>.

Para uma melhor compreensão referente as atribuições desse sujeitos de interesse, do(a)s porteiro(a)s, na matéria “Um trabalho que vai muito além da portaria”, ao sugerir a qualificação dos porteiros enquanto um ganho para os condomínios, é descrito as seguintes características pertencentes a construção da imagem de um porteiro “qualificado”.

Ele abre a porta para você, guarda a sua correspondência, sabe quem entra e quem sai do seu condomínio, conhece todos por nome, e é sempre o primeiro a dar um educado “bom dia” pela manhã. O porteiro tem uma importância única para o edifício. Além de manter um bom relacionamento com os vizinhos, sempre atento para resolver aqueles probleminhas de todo prédio, ele é o responsável em autorizar a entrada e saída de qualquer pessoa. Por estes e outros motivos, tornou-se essencial investir no treinamento e na capacitação de porteiros, zeladores e funcionários de condomínio. Além de ter os cursos obrigatórios, um porteiro bem treinado pode fazer toda a diferença diante de uma situação de risco, como uma tentativa de assalto, ou ainda num caso mais simples, como uma briga de vizinhos (CAMELO, 2012).

Por meio desse trecho, podemos perceber a importância crucial da manutenção de um relacionamento estratégico, uma proximidade relacional pessoalizada na ressalva da importância deste na identificação dos não pertencentes a esse contexto assim como na resolução de possíveis problemas que podem variar do assalto a uma briga de vizinhos. Em contraste a uma figura idealizada em relação aos porteiros, na matéria “Muito além do cara crachá”, o qual se destina como forma de assessoramento a síndicos e moradores, prioriza-se o cuidado no entendimento em relação as atribuições dos porteiros, deslocando o discurso para vias legais do direito com finalidade de uma construção “as claras” das relações empregatícias, considerando as complexidades de um serviço de proteção que se faz por meio da identificação, sendo este uma estratégia de segurança. Assim, segue:

De acordo com a advogada Jéssica Souza, especialista em Direito Imobiliário, as atribuições da profissão estão discriminadas no número 5174 da Classificação Brasileira de Ocupações. São elas: recepcionar e orientar e visitantes e hóspedes; zelar pela guarda do patrimônio, observando o comportamento e movimentação de pessoas, para prevenir perdas, incêndios, acidentes e outras anormalidades.; controlar o fluxo de pessoas e veículos identificando-os e encaminhando-os aos locais desejados; receber mercadorias, volumes diversos e correspondências, e fazer manutenções simples nos locais de trabalho (MENEZES, 2019)

Encontramos presente nesse trecho da matéria a descrição das funções que cabe aos porteiro(a)s como via de delimitação das obrigações, sendo este figura fundamental considerando as práticas direcionadas de zelo não apenas pelas pessoas, na identificação dos fluxos destas, mas também a de proteção do patrimônio pessoal.

O deslize para um sistema de acusações é perigo ideológico iminente. Neste sentido é a população do segmento médio brasileiro, que sempre buscou proteger seu patrimônio num contexto fragilizado pelas desigualdades sociais, que hoje mais se depara com o aumento da violência urbana como um “neo-conflito” (RICOEUR 1988: 149), uma nova determinação social pelo risco iminente em sua rotina da ameaça à sobrevivência física pela criminalidade desmesurada em que transparece a globalização do crime organizado. Cada vez mais recolhidos em seus nichos gradeados conclamam por macrossoluções enquanto mergulham no sentimento de impotência, sem sair da passividade (ECKERT p. 2 e 3).

A principal questão, considerando a busca por essa proteção, diz respeito ao acesso ou não-acesso por meio da identificação. “O porteiro deve sempre atentar para a chegada de prestadores de serviço e confirmar com os moradores que essas visitas realmente foram agendadas” (MENEZES, 2019) buscando assim a legitimidade do acesso. Desta forma, o tratamento estratégico deste outro da relação, que também faz parte dessa sociabilidade, se faz enquanto uma das principais características dos mecanismos de proteção e segurança.

Estratégias Tecnológicas e a Modernização do Controle

Buscamos neste momento focar nos discursos referente às estratégias tecnológicas inovadoras de acesso com finalidade o “aprimoramento” da identificação, as quais suscitam um debate interno no que diz respeito a real eficácia dos diferentes sistemas, debate estes que elencam pontos positivos e negativos dessas estratégias no sentido da proteção e segurança dos patrimônios e de seus respectivos moradores. Por

meio de três matérias, algumas já mencionadas aqui, encontramos discussões referentes ao tema em questão, sendo estas “Portarias virtuais”; “Controle de acesso por biometria” e “Muito além do cara crachá”. Por meio dessas matérias, identificamos duas formas distintas de ferramentas tecnológicas e suas aplicações no que se refere o controle compartilhado com o funcionário responsável pela portaria. Em “Portarias Virtuais” temos o acesso ao exemplo de uma portaria controlada 100% virtual, sem a presença de funcionário na portaria. Vejamos:

Você para o carro na entrada do prédio. Não tem controle remoto nem porteiro para abrir o portão da garagem. A quilômetros dali — em outra cidade ou até mesmo outro estado, um profissional checa sua identidade e, após confirmar que você é morador da unidade, destrava a porta. Somente depois disso, você entra com o automóvel. Cenas como essa têm se tornado comuns nos condomínios brasileiros que adotaram a tecnologia de portaria virtual para o controle de acesso e saída. Na prática, o funcionamento da ferramenta é bem simples: em vez dos porteiros físicos, o prédio passa a contar com equipamentos e softwares de gestão de segurança que fazem todo o processo de triagem de visitantes, fornecedores e moradores. Remotamente, uma equipe especializada monitora em tempo real da unidade, permitindo ou bloqueando a entrada e saída de pessoas (DURÃES, 2018)

Nesse caso, a triagem realizada pelos equipamentos e softwares são controlados através da gestão de segurança da empresa responsável por meio da recolha prévia dos dados pessoais de cada pessoa permitida a acessar o condomínio em questão. Em busca excessiva pela proteção, a matéria continua a expor os argumentos de controle virtual, reforçando a eficácia na identificação de situações ditas suspeitas, junto a outros elementos de controle interno.

Protegida contra qualquer ação externa, a equipe de monitoramento remoto consegue acompanhar movimentações suspeitas por meio de câmeras e acionar a polícia sem comprometer sua segurança. “Pelas câmeras, é possível ter uma análise adequada da atividade. Em caso de suspeita de invasão ou assalto, a empresa chama a polícia e acompanha a ocorrência pelas filmagens”, ressalta o especialista Carlos. Além disso, o sistema possibilita a gravação e o armazenamento temporário de imagens, inclusive de fluxo de carros e de entrada de visitantes. Com isso, o condomínio pode analisar as gravações, não só para identificar ou prevenir delitos como também para resolver imbróglis entre vizinhos ou horários de entrada e saída de empregados domésticos, por exemplo. (DURÃES, 2018).

Em nome da segurança e proteção, podemos perceber, no decorrer da argumentação, o uso de outros elementos estratégicos para a adesão do sistema, deixando explícitas as intenções de controle de outros setores como forma de convencimento do público ao qual se direciona. Na descrição de outra ferramenta de acesso destacada pela matéria “Controle de acesso por biometria” também podemos perceber as intenções de controle de outros setores, voltado ao público interno, como estratégia de convencimento. Entretanto, é importante ressaltar no caso do acesso por biometria, a matéria recomenda a não dispensa de funcionário como seguranças, mas não faz menção especificamente a porteiros.

Para tentar driblar as tentativas de assalto a condomínios e reforçar a segurança, algumas técnicas que antes eram usadas somente em empreendimentos comerciais começaram a se popularizar nos

residenciais. É por isso que o mercado não para de desenvolver novas tecnologias. Cartões e senhas numéricas estão ficando para trás. Hoje, a biometria é considerada uma evolução no sistema de segurança e a cada dia mais condomínios instalam leitores de impressão digital em seus acessos. Essa modernização se mostrou mais eficiente, pois, além da segurança, agilizou o acesso de visitantes e moradores. E para o síndico é um facilitador também na hora de verificar a entrada e a saída dos funcionários e dos prestadores de serviço dos apartamentos ou casas (MARQUES, 2019)

Considerando o medo um fator social que modela e reconfigura possibilidades de relações, formando e interferindo sobre a constituição de sociabilidades e suas formas, considerando-o metodologicamente, não “apenas como uma ameaça, mas e, sobretudo, como uma possibilidade de uma nova articulação reativa. É entendido, portanto, como um dos fatores estruturadores fundamentais, entre outros, da construção social” (KOURY, 2002, p.10). Desta forma, faz com que a manutenção desta, pertencente a camadas sociais específicas, construa estratégias de proteção em diferentes formatos, conservando seus espaços por meio da manutenção de status e a reafirmação de suas posições de privilégio. Como menciona Eckert (2002) “a adesão a estética do medo não impede o aproveitamento de formas de sociabilidade privilegiadas para a valorização pessoal e afetiva” (p.26). Cria-se assim uma super valorização destes espaços, suas vidas e seus respectivos patrimônios em virtude de suas posições sociais e a busca pela sua manutenção e reafirmando da hierarquização dos sujeitos, como podemos perceber no exemplo do controle da entrada e saída dos funcionários como estratégia discursiva de convencimento a adesão do uso das tecnologias disponíveis também como o dispensa e controle do trabalho, como vimos anteriormente, assim como a redução de gastos, como podemos ver a seguir.

Outra vantagem é o baixo custo de implantação, pois não se faz necessária a utilização de outros dispositivos como cartões, tags, pulseiras ou chaveiros que na opinião de Saulo somam-se a mais uma vantagem “essa é mais uma praticidade de acesso pelo usuário, o qual dispensa para ele a obrigatoriedade do porte de elementos adicionais como estes, assim como a eliminação dos custos de fornecimento e logística destes itens, que em geral causam um grande volume de trabalho e eventuais transtornos para a administração do condomínio, devido a perdas, extravios e necessidade de reposição e aquisição contínua”, defende. (MARQUES, 2019).

Primeiramente percebemos a defesa para com a implementação do sistema de biometria por meio da redução de custos com materiais, considerando que esta técnica não premedita a eliminação total de serviços de seguranças presenciais. Por outro lado, com a previsão de eliminação de serviços por meio da contratação de funcionários específicos como dos porteiros, a redução de custo ganha uma maior e mais considerada argumentação, como na matéria sobre portarias virtuais.

A redução dos custos de manutenção das atividades da portaria, aliás, é uma das principais vantagens do projeto. Foi em busca de maior economia que a síndica Karin Cagy começou a pesquisar sobre portarias virtuais. Seu condomínio, o Nicolas, com 11 unidades, em Copacabana, tem portaria 24h, na qual 04 porteiros se revezam diariamente. Durante quatro meses por ano, ainda há um quinto profissional, responsável por substituir os demais em seus períodos de férias. No fim das contas, esse esquema de trabalho acaba pesando nas

finanças do edifício: quase 70% do orçamento está comprometido com o pagamento de salários e direitos trabalhistas. (DURÃES, 2018)

O suposto aprimoramento de técnicas do controle de acesso segue também a busca pela redução dos custos trabalhistas, como defendido nesse caso, o que acaba sendo um estratégia de redução de serviços na mão da eliminação de determinadas relações que se apresentam na margem, sujeitos estes passíveis de erros; de serem agentes de exigências e inclusive passíveis de desconfiança. Desta forma, as estratégias relacionais de interesse para com essas pessoas se tornam dispensáveis e até mesmo vantajosas. Outro exemplo em relação a opção pelo aprimoramento das técnicas de identificação virtuais/eletrônicas e da desvantagem das desconfianças para com o serviço de identificação realizada pelos porteiros, se apresenta na defesa de confiabilidade impessoal, mediada por meios de análise de acesso burocráticos (por meio de cadastro prévio dos dados pessoais). Em “Portarias virtuais” se dá a seguinte argumentação:

Outra vantagem da portaria virtual é a segurança. Os entusiastas da tecnologia garantem que o risco de criminosos renderem funcionários para invadirem o prédio praticamente zera, visto que não há porteiros fisicamente presentes na unidade. (DURÃES, 2018)

Por sua vez, em “Controle de acesso por biometria” a argumentação segue na reafirmação da garantia precisa da tecnologia optada.

Um dos principais benefícios dessa tecnologia é a confiabilidade na identificação do usuário, uma vez que a biometria humana é única e garante de forma inequívoca esta identificação. (MARQUES, 2019)

Na matéria “Muito além do cara, crachá” se faz menção a uma outra técnica de acesso, através de sistema de automação predial por meio da implementação de sistemas de portarias remotas utilizando QR Code de aplicativo de celular. Este sistema, como defendido na matéria, não visa a extinção da profissão do porteiro, mas a sua transformação, considerando que “antes era o porteiro que ligava e desligava a bomba de água ou a iluminação do prédio. Hoje, com a automatização, ele acompanha o funcionamento de regras pré- cadastradas para esses equipamentos on-line, em tempo real, pelo smartphone” (MENEZES, 2019). É defendida, assim, a impessoalidade enquanto fator positivo no processo e identificação.

Na opinião de Odirley Felício da Rocha, diretor-comercial de uma empresa especializada em portarias remotas com atuação em todo o país, as maiores vantagens do sistema com relação aos porteiros tradicionais estão relacionadas à segurança e ao tratamento menos pessoal com os moradores. “Com essas portarias, o profissional sai da portaria, que é uma área sensível em termos de segurança, e vai para dentro de uma empresa. Além disso, o regimento do prédio passa a ser seguido ao pé da letra. Não existe a possibilidade de o profissional fazer vista grossa para alguns moradores pelo fato de ter uma amizade maior ou o oposto”, explica. (MENEZES, 2019)

Notamos assim, com o apresentado acima, uma disposição na tentativa de convencimento em relação a aplicabilidade destas estratégias tecnológicas, focando nos benefícios para o condomínio no quesito a despesas e/ou redução de serviços e materiais considerando a redução de gastos e a confiabilidade do acesso, sendo o outro da relação, no caso, como mencionado, os sujeitos que se encontram nesse lugar de fronteira, os quais mediam as sociabilidades intramuros e externas. Ou seja, estes funcionários, levando em conta também suas posições frente a um construto social hierárquico, assim

como suas significações nessas sociabilidades dada, se tornam menos efetivos(mais distantes da atribuição de identificação) ou até mesmo dispensáveis. Essa maneira de entender e administrar as relações com esses funcionários pauta-se nas formas que o medo assume nesse contexto, sendo que estes “administram uma boa parcela dos sentidos e dos significados atribuídos ou adquiridos na conformação social oriunda ou proveniente de uma ação relacional dada” (KOURY, 2002)

O que “estabelecem configurações entre indivíduos ou grupos sob um patamar de semelhança, por outro lado, abrigam um forte respaldo de desconhecimento para o outro da relação. O que torna a ação social em um jogo sempre visto como perigoso de união sob determinados argumentos, e de suspeição por não ter segurança completa na ou da administrabilidade desse outro. Assim, o outro é sempre uma fonte de medo a ser controlada ou ser configurada e transposta (KOURY, 2002, p.14).

Em relação a essa fonte de medo por meio de outro e a busca pela proteção e segurança do acesso, podemos perceber a recorrência no sentido de preocupação de uma insegurança previsível, que são os riscos de outros externos que não se configuram enquanto visitas nem enquanto pessoas próximas consideradas confiáveis pelos moradores, tomando assim determinadas medidas as quais tendem a limitar e até mesmo não permitir o acesso de outros.

Conclusão

Considerando as emoções e sua conexão com as formas de estruturação das organizações e relações sociais, o trabalho pretendeu apresentar, por meio dos autores Mauro Koury (2002) e Cornelia Eckert (2002), os entendimentos sobre medo por meio das interações/relações sociais, sendo este um dos princípios organizativos centrais da vida social e em seguida comoção articuladas/constituídas sociabilidades intramuros por meio do entendimento das noções de projeto coletivo (VELHO, 1981) como elaboração de novas relações por meio do medo enquanto a emoção principal para a construção de uma sociabilidade (SIMMEL, 2006). Sendo a violência uma construção de significações e códigos por meio da identificação do seguro ou não-seguro, tornando o outro-distante uma constante ameaça, o medo enquanto insegurança estabelece socializadores na vida urbana a que vem se tornando cada vez mais coletivizada (ECKERT, 2002). A perspectiva de Simmel tende a posituação da construção de sociabilidades enquanto a busca pelo sentimento de libertação e alívio, entretanto acentuam de forma breve as possibilidades não necessariamente positivas dessa interação específica. “De várias maneiras, a sociabilidade pode ser esse elemento negativo, um convencionalismo e uma troca internamente estéril de formas” (SIMMEL, 2006, p.82). Ao encontrarmos em Simmel as descrições formuladoras de sociabilidades, percebemos aproximações com a discussão em questão por meio de sua descrição, considerando o contexto teórico. Entretanto, o contexto atual e as possíveis interpretações e releituras de sua obra, nos provoca a questionar o dualismo em relação a sociabilidades negativas versus positivas. Por meio da análise que se pretendeu construir, podemos perceber a construção discursiva de um contexto delimitado, as quais fazem parte de um estrato social específico, que varia conforme as condições socioeconômicas, consideravelmente, aprimorando e inovando as estratégias de controle do acesso e do não-acesso. A realidade do que podemos relatar no contexto atual brasileiro de uma classe média são variantes e diversas, principalmente ao considerarmos as políticas sociais dos últimos dois séculos. Entretanto, conforme o aumento do poder aquisitivo do conjunto de indivíduos que se propõem ao compartilhamento desta ‘vida em condomínio’, podemos

dizer que aumenta concomitantemente o nível de alienação da vida dita real, assim como as formas de segregação dos espaços em defesa de suas pautas, se tornando sim um possível elemento não-positivo na constituição desse *jogo de cena*.

Referências

- APSA. **Quem Somos**. Disponível em: <https://apsa.com.br/a-apsa/quem-somos>. Acesso em 30.07.2019.
- CAMELO, Mario. Um trabalho que vai muito além da portaria. **Revista Síndico**, 2012. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/edicoes/edicao-204-setout-2012/2012/um-trabalho-que-vai-muito-alem-da-portaria/902>. Acesso em: 30.07.2019.
- DURÃES, Aline. Portarias Virtuais. **Revista Síndico**, 2018. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/edicoes/2018/portarias-virtuais/479335>. Acesso em: 30.07.2019.
- ECKERT, C. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre (pp. 73-102). In: MINAYO, M.C.S; COIMBRA JUNIOR, C.E.A, (orgs). **Antropologia, saúde e envelhecimento** [E-Book]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medo, vida cotidiana e sociabilidade. **Política & Trabalho**, n. 18, pp. 9-19, 2002.
- MARQUES, Juliana. Como lidar com as entregas no condomínio?. **Revista Síndico**, 2019. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/columnas/abc/2019/como-lidar-com-as-entregas-no-condominio/479680>. Acesso em: 30.07.2019.
- MARQUES, Juliana. Controle de acesso por biometria. **Revista Síndico**, 2019. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/edicoes/2019/controle-de-acesso-por-biometria/479849>. Acesso em: 30.07.2019.
- MENEZES, Gabriel. Muito Além do cara, crachá. **Revista Síndico**, 2019. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/edicoes/2019/muito-alem-do-cara-cracha/479865>. Acesso em: 30.07.2019.
- REVISTA SÍNDICO. **A Revista**. Disponível em: <http://revistasindico.com.br/a-revista#>. Acesso em: 30.07.2019.
- SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. 2a edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar (pp. 36-46). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VERGARA, Gabriela. Presentación: Miedos en la ciudad. In: KOURY, Mauro. **Cultura Emotiva e Sentimentos de Medo na Cidade**. Documentos de Trabajo del CIES, Buenos Aires: CIES, 2017.